



LETRAS DE CARVÃO E O DIREITO À LEITURA E À ESCRITA

Juliana de Melo Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ju.mlima@yahoo.com.br

Helen Regina Freire dos Santos

Centro de Estudos em Educação e Linguagem - Universidade Federal de Pernambuco

1



Letras de Carvão é uma obra literária publicada no Brasil no ano de 2016 pela Editora Pulo do Gato. Escrita pela colombiana Irene Vasco e ilustrada pelo mexicano Juan Palomino, sua primeira versão foi em espanhol, no ano de 2015, pela Editora Juvent, com o título Letras al carbón e no Brasil teve tradução de Márcia Leite. A obra em espanhol

recebeu o Prêmio Fundación Cuatrogatos 2016, estando entre os vinte melhores livros, decorrente de sua qualidade literária.

A escritora atua em bibliotecas comunitárias na Colômbia e realiza oficinas junto a mães comunitárias, mulheres indígenas, mestiças e afrodescendentes que cuidam de crianças de famílias de baixa renda. A população predominante nas comunidades é afrodescendente. Irene faz um agradecimento no livro às mães e às bibliotecárias colombianas, pelas histórias partilhadas, que resultaram na obra. Na última página do livro a editora dedica a obra a Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

A leitura da obra nos transporta para a história de uma mulher que conta ao seu filho como aprendeu a ler e a escrever, e encanta os leitores por sua descoberta das palavras e de um mundo de possibilidades que teve a partir da leitura. O texto nos sensibiliza por sua qualidade artística, pelo diálogo, afeto e respeito entre mãe e filho, pelas questões sociais e políticas que aborda de forma sensível, mas também profunda. Quem lê viaja, já nos diz o

¹ Foto fonte: <http://www.editorapulodogato.com.br/livro.php?id=53> >Acesso em 06 de Jul de 2020.

dito popular; mas ler e escrever palavras nos leva também à leitura e à escrita de pessoas e vidas que se perpetuam na busca da liberdade de SER(mos) no mundo.

A construção do texto favorece que o leitor possa ir tentando desvendar as situações apresentadas, com riqueza de vocabulário e diálogos que possibilitam sentir as necessidades e as alegrias das personagens principais. A ficção nos possibilitou o que Queirós afirma: “Ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com a experiência que o outro nos certifica. Por ser assim, a leitura – pelo que existe de individual e ao mesmo tempo de social – nos remete ao encontro das diferenças enquanto nos abre em liberdade para vivê-las em plenitude. (QUEIRÓS, 2011, p. 9).

A autora reúne no livro elementos representativos de comunidades afrodescendentes, suas práticas culturais, suas histórias de vida, a partir dos relatos de mulheres que escutou ao realizar oficinas nesses locais. A narrativa acontece em uma comunidade quilombola, chamada Palenque, sendo um cenário representativo de tantos outros que Irene Vasco percorreu no seu país, em sua militância pelo direito de todos à leitura, à escrita e ao livro. De acordo com Irene, em entrevista concedida em 2016 ao blog Cuatro Gatos e republicada pela Pulo do Gato,

Palenque é apenas um dos tantos quilombos de meu país. (...) Quilombo era o lugar da liberdade. E eu associo os quilombos à liberdade que saber ler e escrever garante a todos os que se alfabetizam, à liberdade de viver sem que um senhor governe o destino de alguém. Quilombo e educação são, para mim, territórios de liberdade. (<http://www.editorapulodogato.com.br/pagina.php?id=165#.XwOYjChKjIU>> acesso em 06 de Jul de 2020).

Através das linguagens verbal e visual e suas relações o leitor passa a conhecer Palenque e as pessoas que vivem lá, um lugar com valorização da vida em comunidade, que com o tempo passaram a ter contato com a escrita, embora como algo distante de conquistarem por direito, sendo esse direito ainda para poucos, o que também nos faz refletir sobre as questões étnicas, de classe social e de gênero, bem como da invisibilidade a seu respeito que a sociedade cultiva.

Na história, uma das poucas pessoas que sabem ler e escrever é um homem, dono de uma mercearia. Por não saber ler e tentar desvendar as cartas destinadas à Gina, sua irmã, a protagonista tomou a iniciativa de pedir ajuda, e em troca de trabalho foi aprendendo a ler com o dono da mercearia. E aprendeu a ler a partir dos nomes das pessoas da sua comunidade, escritos nas paredes.

A partir da narrativa, com resgate da memória de uma das personagens, o território de liberdade, ao qual se refere a escritora na entrevista, pode ser percebido diante de um processo

que foi sendo construído entre as irmãs, a partir de uma necessidade social de ler cartas pessoais.

As ilustrações são ricas em detalhes, com muito colorido, e convidam o leitor a conhecer os elementos característicos da comunidade, cercada por natureza diversificada e exuberante e as práticas culturais em grupo. Os personagens são identificados por suas características físicas, com destaque para os cabelos, o uso de roupas coloridas e por suas práticas voltadas à alimentação, ao lazer e ao trabalho. As relações de afeto e harmonia são ilustradas em diferentes partes da obra, mostrando com mais detalhes as imagens das duas irmãs, ressaltando o companheirismo de ambas. Os usos dos jornais em situações cotidianas, os objetos como o barquinho de papel e a forma como as letras e suas cores são representadas despertam a curiosidade dos leitores e apontam para a liberdade que temos ao desbravar o mundo da leitura e da escrita.

A imagem do carvão tem forte simbologia. De acordo com a autora, as comunidades afrodescendentes tinham a prática muito presente de cozinhar seus alimentos nos fogões à carvão. Na história, o carvão também é usado para escrever, no chão e nas paredes, como um instrumento que resgata a identidade da comunidade, sendo mais um elemento de representatividade e que a partir dele tem o poder de ter novos usos e práticas sociais, daí as “Letras de Carvão”, que dá nome à obra. A partir de recursos naturais as pessoas desenvolviam estratégias para a aprendizagem da escrita, numa perfeita integração entre os seres humanos com a natureza.

Essa obra literária recupera a importância da apropriação da leitura e da escrita para a inclusão das pessoas e da luta de todos por essa necessidade social que se configura como uma atitude política. De acordo com Castrillón, “[...] ler e escrever é um direito dos cidadãos, direito que devemos nos fazer cumprir, e que, por sua vez, implica um dever e um compromisso de muitos.” (2011, p. 15).

Letras de Carvão resgata assim a importância do compartilhar saberes fortalecendo a identidade da comunidade, o acesso à leitura e à escrita. Ao aprender a ler já em idade avançada em relação a outras pessoas pertencentes a outros grupos sociais, a personagem e sua irmã conseguem enxergar o mundo com uma diversidade de caminhos possíveis e o significado da leitura para a comunidade é retratada na importância que essa aprendizagem tem para a inserção das pessoas na sociedade, o empoderamento e protagonismo feminino, na luta cotidiana por esse direito. O espírito de comunidade e partilha entre as pessoas simboliza a luta pela democratização do saber, mas sem a participação do poder público.

Por fim, defendemos como Antônio Candido, que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos níveis é um direito inalienável” (2004, p. 191). Assim, recomendamos a leitura do livro não apenas para o público infantil e juvenil, destinatários principais da obra, mas também para os adultos, por possibilitar uma leitura literária de qualidade, considerando sua proposta estética, política e ética.

Referências

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Marcos Bagno [Tradução]. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Com os cinco dedos na mão (prefácio) In: CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Marcos Bagno [Tradução]. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

VASCO, Irene. PALOMINO. LEITE, Márcia (tradução). **Letras de carvão**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.